

Castellões

Assisti à chegada do fim do mundo. "Dizer isso chega a soar um tanto gracioso", pensei. Alcancei o maço que recordara estar no bolso de trás da minha calça. Papéis amassados, algumas moedas e uma única cigarrilha meio torta-quebrada, nada que não pudesse ser fumado com cautela. Ouço alguns barulhos da cozinha e logo em seguida a voz instantaneamente reconhecível de Caetano:

— Aê, Marcelo, cadê o café? É carnaval e essa casa tá sem pique nenhum. Acorda todo mundo, o corso vai começar daqui a pouco e as moças me aguardam!

Íríamos a convite do pai de Caetano, ele nos cedera o carro para atendermos elegantemente aos desfiles, haja vista que não pretendia ir. Hesitei por um instante. Pensei em dizer que ficaria em casa; estivera cansado desde que tudo começou. "*Sabe como é, Tano... não dormi quase nada nesta noite*". Me lembro do cigarro que deixei no quarto.

— A Nalu tá dormindo no sofá e o Antônio disse que passaria um tempo com a mãe.

— Ah, mas que sem graça... Ele tinha é que levar a Dona Eugênia pra foliar com a gente!

Deixei que preparasse o café, sorri levemente, o suficiente para que minha saída se justificasse, e voltei ao quarto, arrastando o passo. Sentado na ponta esquerda da cama, a única parte sobre a qual respingavam raios de sol pela manhã, detestei gozar de cada trago daquele compacto de tabaco e formaldeído. "*Maldita gripe! Carbuero meus pulmões por culpa sua!*". Me recordo do repúdio nos olhos de Nalu quando me vê fumando, como de costume. A cena se repete.

— Vejo que a nuvem mortífera que te cerca já acordou também... Você não presta, Celinho — disse em tom de deboche, encostada na moldura da porta. Sentou-se ao meu lado e apoiou a cabeça no meu ombro, suspirou como se fosse dizer algo que sabia que não diria.

— Ah, Nalu, se não morri até agora, eu já não morro mais... — ela revira os olhos novamente.

— Você vai com a gente hoje? — indagou, me encurralando com os olhos pidões — A gente pode celebrar a sua não-morte...

Sempre gostei da Nalu, desde menino, quando ela se mudou para a rua de cima da minha. Ela perdera os avós não muito tempo atrás e foi aí que a minha vendeta contra a Espanhola começou. Embora um brinde à carne não me convencesse inteiramente, me senti obrigado a testemunhar a ressurreição da cidade, antes que o monte de corpos voltasse às ruas na ressaca de quarta-feira; simbolicamente, claro.

Antes que partíssemos, julguei comprar uma carteira de cigarros. Uma multidão de moças e rapazes tomava as ruas do Engenho Novo, customizada das mais variadas e apessoadas bugiangas-peças-acessórios. Um ar perfumado por cerveja, com notas

de lança-perfume e fumaça, me cobria as narinas. O burburinho era grande, já se ouvia ao longe as marchinhas, com seus batuques e pandeiros, configurados num milagre estrondoso. Os carnavalescos caminhavam pelos ladrilhos onde jaziam outrora os corpos empilhados, um tanto sangrentos e azulados. Ao que aparentava, a obscenidade já não era ultraje e contaminara ainda os que sobreviveram. Naquele momento, o pudor era mais um cadáver semienterrado.

Parei na banca mais próxima, para ver as manchetes que narrariam o primeiro momento de prazer e subversão em relação à morte e à ordem desde a praga. A única que acompanhava os famigerados cronistas carnavalescos era a Nalu, que volta e meia anunciava as novas marchinhas tematizadas. Confesso que não enxergava o apelo dos versos lambuzados de vitória e celebração; inclusive, devo ser franco, julgava-os um tanto cafonas. Decidi que pararia de fumar no meio do caminho. "*Talvez um pouco dessa amargura vá embora*". Não durou muito.

Assistimos aos principais desfiles da Avenida Rio Branco, raparigas e marmanjos caracterizados de colombinas, arlequins, caveiras, baianas e marinheiros; os mais chiques e afortunados arriscavam o traje *a la Pierrô*. Durante os desfiles de corso, Caetano arrumou confusão com pelo menos uma dúzia de moças acompanhadas, a qual meia dúzia ainda o despiu com os olhos.

O sol se punha, adoecido e exausto. Na volta para casa, passamos pelo Cemitério do Caju, os altos portões se encontravam lacrados e abotoados, como se ordenados a evitar que as almas dos que foram à festa com *La Dansarina* se alastrassem pelas ruas encobertas de melancolia, desesperança e sofrimento. À noite, um ar de fantasmagoria ainda perdurava nas esquinas e becos do Rio de Janeiro, tomados por confetes e serpentinas. Lembrei-me do maço que comprara à tarde, agora pela metade.

Nalu e eu avistamos Caetano, pela última vez, aos amassos com uma moça a alguns carros de distância; disse que voltaria pela manhã:

— Deixa a chave pendurada na porta, eu dou um jeito de pular o portão! — urrou, e seu rosto logo se perdeu num aglomerado orgiástico de cores, sabores e sons.

Chegando em casa, perambulei um pouco, na esperança de atingir um estado aproximado a sonolento-afadigado. O sono já não cruzava o meu caminho há tempos, e quaisquer sinais de quietude e calma se transfiguravam em momentos de descontentamento e fardo. Numa vontade quase insolúvel, lembrei-me novamente do maço, agora com pouco mais que três unidades. Acendo um cigarro. O silêncio de uma noite um tanto imortal era demasiado, naquele bairro boêmio e histórico, e se ouvia a queima da seda polvorosa numa explosão orgásmica, resultando um cantarolar psíquico. "*Não há tristeza que possa suportar tanta alegria...*". Decido, outra vez, abandonar o vício tabagista. Admiro as estrelas faiscantes no céu, tangíveis por um triz. Ou vários. Dessa vez seria diferente.

Na manhã seguinte, saio em busca dos exemplares recém impressos, ainda mornos, do Correio da Manhã.

— Uma carteira de Castellões, por favor.